



O PAPEL DA MORFOLOGIA APRECIATIVA NA CRIAÇÃO LEXICAL NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA

THE ROLE OF EVALUATIVE MORPHOLOGY IN THE
LEXICAL CREATION OF GUIMARÃES ROSA

Mayara Espadaro¹

Universidade de São Paulo

Ana Paula Scher²

Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar o comportamento da morfologia apreciativa nos neologismos criados por Guimarães Rosa, analisando os processos que o autor utiliza para inventar novas palavras semanticamente expressivas dentro do sistema gramatical do português brasileiro. O *corpus* compilado foi classificado em sete grupos de acordo com os processos de criação. Os dados demonstram que a literatura sobre os neologismos rosianos ainda tem espaço para discussões bastante instigantes, uma vez que foram detectados novos processos que não haviam sido descritos anteriormente, além de trazerem novas reflexões sobre a criatividade lexical na língua corrente e de suscitarem questões acerca do posicionamento dos sufixos apreciativos nas palavras.

Palavras-Chave: Guimarães Rosa; Morfologia apreciativa; Neologismo.

¹ mayara.espadaro@usp.br. Pesquisa realizada com o apoio do CNPq, sob a forma de bolsa de Iniciação Científica, processo número 146605/2014-4.

² anascher@usp.br

Abstract: *The aim of this article is to study the behavior of evaluative morphology in the neologisms created by Guimarães Rosa, analyzing the processes used by the author to invent new words that are semantically expressive inside the grammatical system of Brazilian Portuguese. The corpus was classified into seven groups according to their process of linguistic creation. The data show that the literature about the Guimarães Rosa's neologisms still has room for an intensive and interesting debate, since new processes have been found. These data also bring new light on lexical creativity in the language and lead us to questioning the positioning of the evaluative in the words.*

Key-Words: *Guimarães Rosa; Evaluative morphology; Neologism.*

INTRODUÇÃO

A obra de Guimarães Rosa, doravante GR, destaca-se tanto pelo seu valor literário, tendo inestimável valor para a literatura brasileira, quanto pelo seu valor linguístico, proveniente de sua ousadia ao manipular recursos gramaticais para a criação de novas palavras. O estudo e criação de novas palavras é denominado neologismo, conceito que pode ser brevemente explicado como “capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos” (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 17). Grande parte dos seus neologismos surge a partir de experimentação a nível morfológico, sendo extremamente recorrentes em sua obra os processos de prefixação, sufixação, formação de *blends*, compostos, entre outros. Ao todo, Mendes (1991) destaca 16 processos rosianos de criação de palavras, que apresentaremos adiante.

Muitos estudos linguísticos já foram realizados acerca da obra de GR; entre eles podemos citar: Jerônimo (2011), Barros (2011), Mendes (1991), e muitos mais. No entanto, a sua criatividade lexical é tão grandiosa e rica que o tema ainda pode fomentar muitos estudos sob diferentes perspectivas. No nosso caso, pretendemos explicar os neologismos formados a partir de uma morfologia de natureza apreciativa, lidando especialmente com formações não canônicas tais como *arredondinhar*, *bonitinhamente* e *coisinhiqueza*. A morfologia apreciativa, terminologicamente também denominada morfologia avaliativa, diz respeito à utilização de afixos para codificar qualidades semânticas tais como *bom*, *ruim*, *grande* e *pequeno*. Em português, podemos nomear alguns sufixos que cumprem esse papel: *-inho*, *-zinho*, *-ão*, *-aca*, *-eco*, *-eta*, *-alha*, *-elha*, entre outros. No entanto, em muitos dos casos de uso desses sufixos, não há formação de palavras novas e seu significado é bastante previsível e

composicional, especialmente no caso dos sufixos de grau como *-inho* e *-ão*³. Logo, a questão que se coloca é a seguinte: como o autor utiliza esses recursos para criar neologismos?

Examinando rapidamente os exemplos apresentados acima, vemos que eles estão à margem do sistema morfológico do português, já que a própria base da palavra está no diminutivo e é a partir dela que se forma a nova palavra. Para *bonitinhamente*, por exemplo, temos o sufixo *-mente* que toma como base a palavra *bonitinha*, e não a palavra *bonita* como seria esperado. Constata-se, portanto, que, algumas vezes, o autor utiliza processos muito pouco convencionais, envolvendo afixos apreciativos, para gerar novas palavras.

O que nos chama atenção mais de perto é o fato de que essas estruturas foram pouco exploradas dentro dos estudos sobre os neologismos de GR e representam um novo desafio para a análise da morfologia apreciativa. Logo, o objetivo deste estudo é compreender o uso desse tipo de morfologia dentro das invenções neológicas de GR, dando ênfase às criações que suportam usos não canônicos desses afixos.

Tal estudo se justifica, portanto, pela necessidade de melhor compreender os fenômenos morfológicos de expansão lexical, uma vez que estes afetam o sistema linguístico e fazem parte das competências dos falantes. Apesar de partir de um *corpus* literário, as criações de GR espelham o comportamento linguístico real e ajudam a compreender, devido à alta criatividade lexical que exibem, o que é de fato possível inventar dentro do sistema do português brasileiro.

Este trabalho está assim organizado: a seção 1 apresenta a metodologia utilizada nesta pesquisa e vem seguida, na seção 2, por uma breve apresentação de aspectos teóricos relacionados à ideia de neologismos e de morfologia apreciativa. A seção 3 trata das classificações de Mendes (1991) e Barros (2011) sobre os dados de neologismos em GR, reiterando o tratamento dado aos

³ Em muitos dos casos de uso desses sufixos, mas não em todos eles, as palavras admitem uma interpretação composicional, além de uma interpretação não-composicional: *amarelinha* (composicional: um pouco amarela; não-composicional: tipo de brincadeira de rua), *amarelão* (composicional: bastante amarelo; não-composicional: tipo de doença), *quentinha* (composicional: um pouco quente; não-composicional: marmita), *quentão* (composicional: bastante quente; não-composicional: tipo de bebida) (cf. ARMELIN, 2015, p. 22). A formação de uma nova palavra é evidente nos casos que em que leitura não-composicional é possível. No entanto, quando a leitura é composicional, assume-se que o processo derivou uma nova forma de uma palavra já existente.

neologismos na seção anterior. Na seção 4, sugerimos uma análise preliminar para os dados coletados no nosso *corpus*, visando descrever os processos de criação lexical que operam com elementos apreciativos. Finalmente, a seção 5 conclui este trabalho.

1 METODOLOGIA

O *corpus* para a realização deste trabalho foi constituído a partir de Martins (2001). A princípio, não optamos pela coleta diretamente da fonte primária, isto é, buscando extensivamente os neologismos dentro da obra de GR, porque a organização proposta por Martins (2001) facilita a coleta e permite o acesso a um grande número de dados. No entanto, é claro que a utilização desse material não exclui a necessidade de consulta à obra do autor. Quando trabalhamos com neologismos, uma questão bastante pertinente é: como definir se a palavra é mesmo uma inovação? A partir daí colocam-se algumas questões metodológicas sobre como responder essa questão. Entre as ferramentas disponíveis para ajudar na classificação dos neologismos, utilizamos, para este trabalho, o critério lexicográfico, bem como a própria percepção do senso de novidade. Os dicionários consultados foram Priberam e Caldas Aulete, ambos na sua versão online. Após a coleta dos dados, eles foram descritos e organizados de forma a servirem como um banco de dados particular.

2 NEOLOGISMOS E MORFOLOGIA APRECIATIVA: ASPECTOS TEÓRICOS

Nesta seção, discutiremos as propriedades e características gerais dos processos de formação neológica, para, em seguida, apresentar e discutir o que a literatura diz sobre a morfologia apreciativa, visando fomentar nossa análise dos dados na seção 4. Tomaremos por base os trabalhos de Correia e Almeida (2012), sobre a formação neológica, de Villalva (2000), sobre a morfologia apreciativa no português, além de Beard (2001), sobre processos derivacionais e de Haspelmath & Sims (2010), para o que concerne à discussão sobre derivação e flexão.

2.1 Neologismos: propriedades e características gerais

Segundo Correia e Almeida (2012, p. 23), neologismo é: “uma unidade lexical cuja forma significativa ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua”. Isto é, o falante de uma língua cria uma nova palavra, ou designa um novo significado a um significante já em uso, com o intuito de atingir fins comunicativos. Estruturalmente, um neologismo deve obedecer às regras do sistema linguístico da língua a que pertence, sendo fonológica, morfológica e sintaticamente adequado. O fato de ser uma palavra possível dentro do sistema garante a compreensibilidade do interlocutor, que pode apreender o seu significado a partir do seu conhecimento lexical. Para isso, o neologismo é normalmente gerado através de processos, tais como a derivação e a composição, que discutiremos adiante. Além disso, as palavras criadas pertencem sempre a categorias lexicais, como nome, verbo, advérbio e adjetivo, sendo muito raras exceções em que surjam neologismos nas categorias gramaticais, como artigos e preposições.

Os neologismos são bastante frequentes na linguagem literária, como aqui estudado em GR, mas também são frequentes na fala informal. Eles surgem a partir da necessidade de nomear novas coisas e novas realidades, causando mudança e atualização linguística. Quando as criações lexicais tornam-se parte do léxico da maior parte dos falantes, passam a integrar o vocabulário corrente e deixam de causar a sensação de estranhamento e novidade, dizemos que eles se tornaram estáveis. Normalmente quando as palavras atingem essa estabilidade, elas passam pelo processo de dicionarização, o que as oficializa enquanto palavras de uma determinada língua. Por outro lado, muitos neologismos nascem de uma necessidade momentânea e são usados de forma pontual, apenas uma vez. Aqueles pontuais não são representativos no que tange à atualização da língua, que sempre muda incorporando novas palavras e tornando outras arcaicas; mesmo assim eles são importantes quando os considerarmos como produto da competência criativa e produtividade do sistema linguístico.

Correia e Almeida (2012, p. 18) classificam os neologismos em três tipos, considerando a permanência de uso e a causa da necessidade de sua invenção:

-
- i. *Neologismo denominativo*: Surgem a partir da necessidade de nomear novos objetos, sensações, ou realidades anteriormente inexistentes. Tendem a ser estáveis na língua e, frequentemente, são incorporados no léxico dos falantes ou nos dicionários. Ex: *micro-ondas, chapinha, deletar*, etc.
 - ii. *Neologismo estilístico*: Surgem a partir de uma necessidade expressiva de transmitir conceitos de forma inovadora e de veicular inovação estilística. Mais usualmente aparecem em textos jornalísticos, humorísticos, literários e publicitários, mas costumam desaparecer com facilidade, sendo bastante efêmeros e raramente se integrando ao sistema linguístico. As criações de GR são bons exemplos desse tipo de neologismo: *coraçõemente, desalma, depoismente, demoniático*, entre outros.
 - iii. *Neologia de língua*: São neologismos criados pelo uso da língua a partir da competência derivacional dos falantes, e integram completamente o sistema linguístico sendo praticamente indistinguíveis de outros itens do vocabulário normal, pois não despertam o sentimento de novidade dos falantes. Ex: *indistinguívelmente, incaprinhosamente, bonificável*, etc.

Com base nos tipos de neologismo descritos acima, Correia e Almeida (2012) discutem os conceitos de produtividade e criatividade lexical:

Os neologismos de língua são o exemplo mais claro de produtividade lexical, entendida como a capacidade inerente ao próprio sistema linguístico que permite a construção de palavras por processos interiorizados, aplicados normalmente de modo inconsciente e sistemático. Por seu turno, os neologismos estilísticos são o exemplo mais claro de criatividade lexical, entendida como a capacidade que o falante possui para alargar o sistema linguístico, de forma consciente, por meio de princípios de abstrações e comparações imprevisíveis, mas claramente motivados. A neologia denominativa integra, sobretudo, formas resultantes de produtividade linguística, ainda que nela possamos encontrar frequentemente também formas resultantes de criatividade. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 19).

Conforme vemos no trecho destacado acima, as autoras distinguem os processos de produtividade e criatividade lexical, relacionando produtividade intrinsecamente com o fato de os neologismos formados integrarem o sistema linguístico. No entanto, não podemos tomar essa ideia erroneamente e acreditar que os neologismos estilísticos, aqueles que, pelo viés das autoras, são

resultantes de criatividade lexical, não obedecem às regras linguísticas do sistema, uma vez que eles sempre são formas gramaticais e podem ter seu significado recuperado pelo interlocutor na decodificação do enunciado.

Além de ser uma palavra possível dentro do sistema linguístico, uma criação lexical precisa ser inovadora em algum sentido para a considerarmos como neologismo. Como já comentamos antes, um dos critérios para a delimitação de um neologismo é o sentimento de novidade que ele causa nos falantes. A novidade agregada pode ser de dois tipos: semântica ou formal. A novidade semântica vem do fato de se acrescentar um novo significado a um significante já conhecido, assim a palavra ganhará uma nova acepção. Assim, por exemplo, a palavra *gato/a*, com o sentido de pessoa bonita, já foi um neologismo, adquirindo um novo significado que é apenas metaforicamente associado ao significado original, ou seja, o gato animal. A novidade formal, por outro lado, corresponde a um novo significante, uma palavra cuja forma não tenha sido anteriormente atestada na língua, tais como *bonitinhamente*, *arredondinhar* e *justinhamente*, que discutiremos adiante.

Para a criação de um novo item lexical, as línguas naturais dispõem, basicamente, de cinco mecanismos, conforme Correia e Almeida (2012, p. 33):

- (i) *Criação de palavras exnihilo*: invenção de novos significantes sem qualquer tipo de motivação, ou seja, cria-se uma nova forma lexical a partir do nada. Trata-se de procedimento raro, já que a criação de palavras sem motivação dificulta o armazenamento e o processamento de informações.
- (ii) *Onomatopeias*: formação de itens lexicais que tentam reproduzir sons. Mesmo sendo aparentemente icônicas, trata-se de signos arbitrários e convencionais. Ex: au-au, miau, cocoricó, etc.
- (iii) *Empréstimos e estrangeirismos*: importação de palavras vindas de outras línguas (mecanismos bastante recorrentes no português brasileiro). O item pode sofrer, ou não, alterações nos níveis fonológico, morfológico, semântico ou ortográfico, para adaptar-se à língua que o adotou. No primeiro caso, tem-se empréstimos (ex: *xampu*, *bife* e *futebol*) e, no segundo, estrangeirismos (ex: *shopping center*, *smartphone* e *pet shop*).
- (iv) *Extensão semântica*: atribui novos significados a formas já em uso, conferindo-lhe novidade semântica. O mundo virtual nos oferece

inúmeros exemplos de extensão semântica, em que palavras antes utilizadas em outros contextos, tornaram-se especializadas (ex: *janela*, *navegador*, *vírus*, etc.).

- (v) *Construção de palavras*: processos que criam novos itens partindo de unidades lexicais já existentes, e que irão combiná-las a partir do conjunto de regras da língua (siglas e acrônimos, truncamento, conversão ou derivação imprópria, composição, *blends*, derivação regressiva e derivação afixal). Apesar de todos os processos nomeados acima terem grande importância para os estudos de neologia, destacaremos apenas a derivação afixal por ser essa de interesse ao objeto de estudo deste trabalho.

A derivação afixal é um processo canonicamente binário no qual se junta um afixo a uma base formando uma palavra derivada por prefixação, sufixação ou parassíntese. A sufixação acontece à direita da base e normalmente altera a categoria da palavra, enquanto que a prefixação se distingue por ocorrer à esquerda da base e carregar um significado menos gramatical, isto é, mais perceptível lexicalmente. Em princípio, os neologismos de que iremos tratar neste trabalho, reflexos da morfologia apreciativa, são casos de derivação sufixal.

Muitos dos processos descritos acima são explorados como fonte de criação lexical na obra de GR, o que torna sua obra riquíssima para os estudos em neologia. A base teórica fornecida nesta seção será, portanto, bastante útil para que possamos começar a nos aprofundar no que diz respeito às especificidades do léxico criado pelo autor.

2.2 Morfologia apreciativa

Morfologia apreciativa, também denominada morfologia avaliativa, segundo algumas terminologias, diz respeito aos processos morfológicos que dão conta de expressar o julgamento do falante em relação a um objeto. Sua função é modificar a interpretação semântica da base à qual se adjungem, o que, de algum modo, corresponderia, sintaticamente aos processos de adjetivação. Logo, podemos parafrasear a palavra *mesinha*, composta de *mesa* + *-inha*, pelo sintagma *mesa pequena*.

Em português, a avaliação dos falantes é expressa por processos de sufixação quase que exclusivamente. Abaixo, listamos alguns dos sufixos avaliativos que integram a morfologia do português.

| | | | | | | | |
|---------------------|--------|---|-------------|--------------------|--------|---|----------|
| (1) <i>-ão</i> : | cabeça | → | cabeção | (4) <i>-ona</i> : | bonita | → | bonitona |
| | bonito | | bonitão | | cabeça | | cabeçona |
| (2) <i>-inho</i> : | cabeça | → | cabecinha | (5) <i>-alha</i> : | gente | → | gentalha |
| | bonito | | bonitinho | | forno | | fornalha |
| (3) <i>-zinho</i> : | bonito | → | bonitozinho | (6) <i>-ita</i> : | perna | → | pernita |
| | livro | | livrozinho | | cabeça | | cabecita |

São muitos os sufixos avaliativos do português, e a lista acima teria de ser extremamente exaustiva para dar conta de apresentar todos eles. Não faz parte, no entanto, do objetivo deste trabalho fazer a listagem desses sufixos. Porém, para dar conta dos dados coletados de neologismos rosianos, pretendemos rever as principais propriedades da morfologia apreciativa. Para isso, iremos nos valer, especialmente, dos estudos de Villalva (2000).

A literatura tradicional sobre morfologia apreciativa⁴ classifica os morfemas avaliativos em quatro grupos: *diminutivos* (pequeno “n”), *augmentativos* (grande “n”), *valorativos* (bom “n”) e *pejorativos* (mau “n”). Villalva (2000), em particular, se preocupa não com as propriedades semânticas da morfologia avaliativa, mas com suas propriedades formais. A autora destaca que a sufixação avaliativa não pode ser descrita através de processos puramente flexionais ou puramente derivacionais, uma vez que suas características implicam que a avaliação não se comporta como nenhum dos dois. Para dar conta do fenômeno, então, Villalva argumenta que a sufixação avaliativa é um processo de modificação morfológica. Entende-se por modificação morfológica um processo que gera, por adjunção, palavras cuja categoria sintática é idêntica a da base. Para isso, a autora elenca as características da sufixação avaliativa:

- a) Mantêm a categoria sintática da base
- b) Mantêm a estrutura argumental da base.
- c) Mantêm as propriedades morfo-semânticas da base.
- d) Mantêm o valor de gênero da forma da base.
- e) Modificam a interpretação semântica da base.

⁴ Cf. Garbo (2013, p. 116), Stump (1993, p. 1) e Villalva (2000, p. 269).

- f) Podem co-ocorrer em posições adjacentes.
- g) Ocorrem à direita dos sufixos derivacionais.
- h) Precedem a flexão.

Observando essas características elencadas pela autora, logo vemos que a sufixação avaliativa realmente não se comporta como casos de derivação ou flexão simplesmente. Se por um lado, o processo mantém a categoria sintática, a estrutura argumental e o valor de gênero da base, se comportando de acordo com padrões flexionais, por outro ele, modifica a interpretação semântica da base e pode co-ocorrer em posições adjacentes, o que o aproxima da derivação. Por causa desse comportamento, Villalva justifica a categorização que faz desse tipo de processo como modificação morfológica e denomina como sufixos avaliativos somente aqueles que obedecem estritamente a lista acima, sugerindo, de qualquer modo, três grupos de sufixos com base em seu comportamento formal: sufixos avaliativos, sufixos z-avaliativos e sufixos pseudo-avaliativos.⁵

Após a considerarmos brevemente as propriedades e características da morfologia apreciativa, iremos adotar esses conhecimentos para realizar a descrição dos dados neológicos encontrados na obra de GR.

3 OS NEOLOGISMOS EM GUIMARÃES ROSA

Nesta seção, veremos como os neologismos rosianos são categorizados segundo Mendes (1991) e Barros (2011)⁶. Pretendemos, com isso, dar uma visão mais específica sobre os processos e a criação de neológica na obra de GR, refletindo sobre os mecanismos de criação lexical utilizados pelo autor, em sua obra.

Destacamos, já a princípio, que seus neologismos vão além dos processos de formação de palavras mais frequentes descritos na seção 2.1 e se realizam no “grau mais alto das possibilidades do sistema” (BARROS, 2011, p. 35). Isso quer

⁵ A explicitação da classificação proposta por Villalva e sua aplicação, ou não, aos dados relevantes para esta pesquisa farão parte de pesquisa futura. Em particular, interessa-nos investigar a relação entre os dados que encontramos e a categoria do afixos pseudo-avaliativos, que participam de processos, de fato, derivacionais.

⁶ Para que possamos tratar dessas questões não é possível desprezar a bibliografia já escrita acerca do tema, por isso nos guiaremos a partir dos estudos já realizados por Jerônimo (2011), Barros (2011), Mendes (1991) sobre os neologismos em GR.

dizer que o autor não extrapola as exigências da norma linguística, uma vez que os seus textos são compreensíveis ao leitor, mas que utiliza ao máximo todas as ferramentas do sistema para conseguir formas novas altamente poéticas e expressivas. GR compõe e usa seu léxico próprio enquanto recurso estilístico, o que faz com que seus neologismos sejam arte, não apenas unidades linguísticas.

A seguir, veremos duas classificações propostas para categorizar os neologismos rosianos: Mendes (1991) e Barros (2011).

A proposta de Mendes (1991) classifica os processos de criação lexical presentes na obra de GR em dezesseis tipos, e exclui, a priori, aqueles processos que são comuns a língua corrente. Ou seja, na sua classificação, Mendes dá conta exclusivamente dos processos rosianos. São eles:

- (1) Uso de afixos improdutivos (ex: sufixo de aumentativo *-az*, em *malvaz*, *asnaz*, e prefixo *ex-*, exprimindo movimento para fora, em *excogitei*);
- (2) Esvaziamento semântico de afixos: afixos que apenas conferem um significado mais rico fonologicamente (ex: o prefixo *de-*, em *deamar*, e o sufixo *-al*, em *buracal*);
- (3) Modificação do sentido de afixos (ex: o prefixo *re-* em *repequeno* com valor de aumentativo);
- (4) Substituição dos afixos (ex: o prefixo *des-* por *in-* em *desfeliz*);
- (5) Recuperação de bases presas (ex: *indeciso* → *deciso*);
- (6) Aplicação de regras de afixação a bases indevidas (ex: *amormente*; *desmim*);
- (7) Uso de elementos tomados ao latim (ex: desinência *em*, de acusativo singular, em uso sufixal, como em *felém*⁷);
- (8) Uso pleonástico de afixos (ex: o sufixo *-mente* incorporado ao advérbio *depois* → *depoismente*);
- (9) Vernacularização de lexias de formação erudita (ex: a formação de *caintes* por *cadentes*);
- (10) Criação de afixos (ex: *-ém*, *-iz* em *homenzém* e *zumbiz*);
- (11) Criação com base em analogia a um único modelo lexical (ex: *vivalma* → *mortalma*);
- (12) Expansão de compostos por derivação (ex: *beija-flor* → *beija-florou*);

⁷ “Peguei minha cabaça, bebi gole, amargo de felém (GSV, 44/50). / ND. // Var. de fel. (C.f. Sestém). [A prep. De tem valor comparativo].” (MARTINS, 2001, p. 225)

-
- (13) Modificação de compostos (ex: *bem-me-quer* → *bem-me-quis*);
 - (14) Criação de palavras gramaticais (ex: a formação do advérbio *trastanto*);
 - (15) Uso de elementos inusitados na composição (ex: *zé-zombavam*);
 - (16) Uso simultâneo de dois prefixos (ex: *a-* e *re-* = *arre-*, em *arreglórias*, *arrebusco*).

A proposta de Mendes (1991) parece dar conta de muitos processos rosianos. No entanto, ela não engloba todos os dados, uma vez que boa parte dos neologismos produzidos por GR ainda se encaixa nos padrões normais de formação lexical da língua, e, portanto, não estão descritos entre os dezesseis processos listados.

Por outro lado, a proposta de Barros (2011) é mais concisa e reúne os dados em quatro grupos, dando conta dos processos normais e daqueles propriamente rosianos. Porém, a classificação de Barros é menos descritiva do que aquela proposta por Mendes, ainda que mais abrangente. Abaixo, veremos a classificação de Barros (2011) ilustrada com exemplos de GR:

- a. *Criações fonológicas: fonológicas propriamente ditas* (onomatopaicas, seu significante remete a um som natural (cf. seção 2.1). Ex: *chim*, que designa o ruído feito por grilos, e *dalalar*, que remete ao estalo das labaredas.) ou *complementares* (têm como base uma palavra fonológica já existente, mas sofrem alterações motivadas. Ex: *brisbrisa* e *estradalhal*).
- b. *Criações sintagmáticas*: fazem uso dos processos de derivação (em 2.1), tais como prefixação, sufixação, composição, amalgama, etc, e são feitas a partir da junção de elementos mórficos já existentes. Ex: *desmim*, *desnascido*, *asnaz*, *orgulhamento*, etc.
- c. *Criações alogênicas* (ou hibridismos): formadas a partir de elementos vindos de línguas diferentes, ou seja, por meio de empréstimos. Ex: *cavalo-rão* (*cavalo*, do português, associado a *rão* do tupi).
- d. *Criações semânticas*: um novo significado é atribuído a um significante já existente (extensão semântica, em 2.1). Ex: *divertido* com o sentido de divergente.

Segundo a classificação proposta por Barros (2011), os neologismos formados a partir da morfologia apreciativa estariam identificados nas criações sintagmáticas, enquanto que, na tipologia de Mendes, os mesmos neologismos teriam de ser divididos entre os processos 1 e 6. De todo modo, parece-nos que nenhuma das duas classificações dá conta de diferenciar a gama de dados de que dispomos.

Como apontamos em 2.1, um dos critérios para assinalar um neologismo é a sensação de novidade despertada nos falantes. Isto é, para considerarmos um item como novo, ele deve transmitir a sensação de inovação e desconhecimento prévio. Os processos de sufixação apreciativa são extremamente produtivos na língua, logo, muitas vezes não despertam esse sentimento de novidade. Temos muitos exemplos de morfologia apreciativa na obra rosiana que não destacamos nesta pesquisa, pois são apenas exemplos do uso das regras da língua corrente. Parece-nos ser de consenso geral que itens como *chorinho*, *vozinha*, *meninozinhos*, *criaçãozinha*, *montão*, *sobrancelhonas* não devem ser interpretados como neologismos, porque são formações regulares da língua e, apesar de não serem dicionarizados, podem ser facilmente produzidos por qualquer falante. Portanto, itens como esses não fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

Outro ponto importante foi delimitar nosso ponto de vista para selecionar o que consideraremos como sufixação apreciativa. Para selecionar os neologismos, consideramos apenas o carácter semântico dos afixos envolvidos na formação das palavras e mantivemos o critério, que parece ser mais consensual dentro da literatura, de que a morfologia avaliativa, por si só, não altera as propriedades morfossintáticas da base.

A reflexão sobre essas questões nos levou à organização dos dados documentados em uma tabela, com cerca de cem vocábulos, a partir da qual, os dados foram separados em sete grupos, tendo em vista suas similaridades no processo de criação neológica. O que fizemos foi tentar observar um padrão na construção do neologismo, para poder entender como o autor utilizou-se dos recursos morfológicos para a invenção de novas palavras. Dentro desses sete grupos, no geral, podemos observar a criatividade lexical do autor que faz uso de processos pouco comuns na língua corrente, alguns deles já destacados por Mendes (1991) e reproduzidos por nós na seção 3. Esses processos serão retomados adiante com enfoque na morfologia apreciativa. Entretanto, alguns

padrões bastante interessantes, não relatados em trabalhos anteriores, foram observados e serão descritos também.

4 CLASSIFICAÇÃO DO CORPUS

Nessa seção, apresentaremos uma classificação dos processos encontrados na obra do autor que criam novas palavras através do uso da morfologia apreciativa. Como já dito, formamos sete grupos de acordo com as similaridades no processo de criação, e, agora, exporemos e discutiremos cada conjunto do *corpus*.

- i. *Redução fonológica dos sufixos*: Neste grupo, nota-se que o autor deriva os nomes e os adjetivos de maneira bastante regular, ou seja, dentro dos padrões normais da língua. No entanto, após o processo de sufixação, GR reduz fonologicamente a nasalização dos sufixos empregados, resultando, aparentemente, em uma nova forma. No geral, observamos a redução de *-ona* para *-ã*, em nomes e adjetivos femininos, e de *-ão* para *-o*, nos masculinos. Essa mudança fonológica é bastante recorrente na obra do autor, e parece se justificar por motivos estilísticos.

| | | | |
|---------|------------|----------|----------|
| Advinhã | noturzã | doidarro | feiancho |
| lualã | homenzarro | fazendol | gatarro |

- ii. *Utilização de um afixo apreciativo formando uma base para outro processo de derivação*: Neste grupo, o processo utilizado por GR é bastante interessante, pois toma como base uma palavra que já está modificada com um sufixo apreciativo. A partir da base modificada, adiciona-se um sufixo derivacional para criarem-se novos adjetivos, advérbios, nomes ou verbos. Curiosamente, não encontramos dados semelhantes a esses na língua corrente, o que nos leva a crer que este é um processo de criação de palavras bastante peculiar e individual de GR, que ainda não havia sido descrito na literatura (BARROS, 2011, MENDES, 1991). Mesmo sendo um processo inusitado, os neologismos desse grupo são compreensíveis a qualquer falante de português, sugerindo que as palavras não violam nenhuma propriedade gramatical da língua.

Não obstante, esse tipo de processo contradiz uma das propriedades listadas em Villalva (2000), e na literatura em geral, que diz que os sufixos apreciativos ficam a direita dos sufixos derivacionais e à esquerda dos flexionais. Como vemos, por exemplo, em *arredondinhar*, este não é o caso, uma vez que o sufixo *-inho* está posicionado à esquerda do sufixo derivacional verbal.⁸ Com a violação do critério de posição dos sufixos, a morfologia apresentada dos dados desse grupo parece estar muito mais próxima dos processos derivacionais, do que da modificação morfológica. No entanto, ainda conservam todas as outras propriedades descritas na seção 2.2, valendo especialmente ressaltar que não são os sufixos apreciativos os responsáveis por mudar a categoria gramatical da base, mas, sim, os sufixos derivacionais aplicados após eles.

Após essa rápida discussão dos dados, achamos pertinente salientar que, com o conhecimento desses neologismos, há a necessidade de revisarmos os critérios estabelecidos pela literatura, abrindo caminhos para mostrar que é possível, apesar de não-canônico, criarmos novas palavras a partir de bases já modificadas avaliativamente, o que resultaria na quebra do critério de posicionamento sem, no entanto, ferir as propriedades gramaticais da língua.

| | | | |
|---------------|-------------------|---------------|----------------|
| ameninhamente | apetitosinhíssimo | arredondinhar | bonitinhamente |
| coisiquinheza | entrestalhado | farsalhaça | florinhal |
| guedelhudade | justinhamente | rasgalhar | rominhol |
| estalhudo | trotinhar | ventainhar | |

- iii. *Criação de novo afixo apreciativo*: Este tipo de processo já havia sido explicitado por Mendes (1991) se referindo a criação de novos afixos, sendo ele qualquer tipo de afixo, mas, neste caso, trazemos observações acerca somente de afixos apreciativos. Notamos que GR cria dois novos afixos apreciativos, sendo eles o prefixo *arre-*, como em *arrefrio* e o sufixo *-zém*, em *homenzém*. O prefixo *arre-* tem

⁸ A breve análise que fazemos aqui assume a necessidade de se postular a presença de um morfema categorizador verbal, não realizado fonologicamente, entre a morfologia apreciativa e o morfema flexional de infinitivo, associado à vogal temática *-a-* (*-ar*), tal como ocorre com os afixos *-iz-* ou *-ec-*, que são, de fato, categoriais, na formação dos verbos *caramel-iz-ar* e *escur-ec-er*. De qualquer modo, a morfologia apreciativa de diminutivo está ocorrendo à esquerda de um morfema derivacional, responsável por categorizar o novo verbo.

valor de intensidade, ou grandeza. Já o sufixo *-zém*, para Martins (2001), corresponde semanticamente a um diminutivo.

| | | | |
|------------|------------|-----------|-------------|
| arrebrusco | arrecauda | arrefrio | arreglórias |
| arregosto | arregrito | arreleque | arremiar |
| arrepoeira | arretriste | homenzém | |

- iv. *Utilização de afixos pouco usuais*: Este grupo encontrado no *corpus* também já havia sido classificado por Mendes (1991), uma vez que faz parte do estilo do autor utilizar afixos improdutivos na língua para criar neologismos. Ou seja, é a improdutividade do afixo que confere à palavra um sentido de novidade. Observamos uma vasta gama de sufixos avaliativos sendo usados por GR, entre eles: *-az*, *-ança*, *-ot(e/a)*, *-ul(a/o)*, *-astro*, *-aço*, *-im⁹*, etc.

| | | | |
|------------|-----------|-------------|-----------|
| asnaz | barbaz | barbim | berbezim |
| bruxolim | canhim | carnança | cavalanço |
| chusmote | ciciota | clavinote | crispim |
| diabrim | esvoaçim | fidalgarrão | gagaz |
| infimícula | jaguaraim | jovenzarrão | lordaço |
| mulherota | normalote | pardaz | perolim |
| pimpolim | revolvrim | roseozim | silvula |
| surdaz | surdastro | timidulo | tratantaz |
| zarolhaz | | | |

- v. *Iteração de afixos apreciativos*: Neste grupo vemos que os neologismos criados pelo autor vêm da utilização sucessiva de mais de um sufixo apreciativo. Semanticamente, a utilização de mais de um afixo implica na exaltação da qualidade a ser avaliada, como, por exemplo, no caso de *pequeninotezinho* implica-se em algo

⁹ O sufixo *-im*, apesar de pouco produtivo em textos escritos e em algumas variantes regionais, é bastante comum na língua falada, em particular, no norte e nordeste do país. Cabe notar que este sufixo pode ser analisado como uma variante fonológica de *-inho*; no entanto, preferimos deixá-lo como um sufixo diferente neste trabalho porque, segundo consulta com alguns falantes, parece haver diferenças semânticas de nível de apreciação entre *-im* e *-inho*.

extremamente pequeno, ou menor do que pequeno. Sob esse viés, *homenzarrinho* é um caso bastante peculiar uma vez que vem da interação entre, por um lado, *-zarr-* e *-ão*, dois sufixos de aumentativo, e, por outro, *-inho*, sufixo de diminutivo. A contradição, no entanto, não causa nenhum tipo de agramaticalidade, apenas expõe a criatividade linguística do autor.

Pensando na classificação sugerida por Mendes, poderíamos supor que esse grupo se encaixaria sob o processo que ela chama de *uso pleonástico de afixos*, ainda que este processo não seja extremamente eficiente para explicar a expressividade semântica transmitida através da iteração de sufixos apreciativos.

| | | | |
|---------------|---------------|------------------|------------|
| coisiquinheza | homenzarrinho | mesquinhitote | muralhavaz |
| negralhaz | olhalão | pequeninotezinho | |

- vi. *Mudança semântica em afixos*: Esse tipo de processo diz respeito à mudança no significado dos afixos, isto é, um afixo que usualmente não carrega valor avaliativo passa a tê-lo quando empregado nessas palavras. Observando o *corpus*, podemos considerar que a mudança semântica é ocasionada pelo acréscimo do afixo a uma base de categoria sintática diferente daquela canonicamente requerida pelo afixo. Por exemplo, o prefixo *re-* é, normalmente, afixado a bases verbais conferindo-lhes o sentido de repetição (ex: *escrever* – *rescrever*). Nos neologismos listados abaixo, o mesmo prefixo foi afixado pelo autor à uma base adjetival, o que lhe conferiu o significado de aumentativo. O mesmo aconteceu com o prefixo *arqui-*, que denota hierarquia superior, mas, afixado à uma base adjetival, passou a significar um grau superior do adjetivo.

Este processo já havia sido mencionado em Mendes (1991), ainda que não caracterizasse especificamente uma mudança semântica que transformasse um afixo derivacional de sentido diverso em um afixo semanticamente avaliativo.

| | | | |
|------------|------------|------------|------------|
| arquifeliz | repequeno | reperfeito | reprofundo |
| tresfim | tresenorme | trestriste | |

- vii. *Nominalização de sufixos*: Apesar de bastante restrito, esse grupo tem dados bastante interessantes que mostram os sufixos apreciativos *-inho*, *-zarrão* e *-zinho* sendo usados como nomes. Isso caracteriza o que Lima (2009) chama de desgramaticalização, ou seja, o processo reverso que muda o estatuto de uma forma antes presa para uma forma livre. Em seu estudo, Lima apontou o uso de *zinho* como uma forma alternante do sufixo *-inho* que tornou-se uma forma livre que ora atua como nome, ora como adjetivo. Os dados retirados de GR reforçam tais estudos, mas, mais além, vemos o autor aplicando a desgramaticalização aos sufixos *-inho*, nessa forma propriamente, e ao aumentativo *-zarrão*.

| | | |
|--------|-------|--------------------|
| zarrão | zinho | inho ¹⁰ |
|--------|-------|--------------------|

Após a discussão sobre cada um dos grupos de processos encontrados que dão conta dos neologismos de natureza apreciativa dentro da obra de GR, faz-se necessário atentarmos a algumas questões sobressalentes. Em primeiro lugar, ficou evidente que a literatura que temos sobre os processos de criação vocabular na obra de GR ainda conta com bastante espaço para a discussão dos processos criativos utilizados pelo autor. No que tange a morfologia apreciativa, vimos que vários processos singulares não estavam descritos em nenhum trabalho anterior, incluindo processos que são peculiares a obra de GR e importantes para a descrição das propriedades da língua e dos neologismos. Assim, é preciso que surjam novos estudos para que possamos compreender melhor a natureza e as propriedades criativas lexicais não só dentro da obra do autor, mas também a sua relação com a língua corrente.

¹⁰ *Inho. Uma hora, revirou a correr atrás só por ter percebido de relance, inho e zinho o orobó de um nhambu* (UP - I, 814) – *Uns inhos engenheiros* (AP, 40/54; título de texto). / Pequenino. // Nominalização do suf. dim.
Zarrão. e os três filhos zarrões homens (T - VII, 33/40). / ND. Grandalhão. // O suf. *-zarrão*, destacado do nome, torna-se adj. com o sent. de 'muito grande'. Ludismo ou experimentalismo do A.

Em segundo lugar, vimos que casos como *arredondinhar* e *bonitinhamente*, que trazem uma base com modificação apreciativa, vão contra o que é previsto na língua corrente, mas nem por isso podem ser ignorados como dados de língua. Justamente casos como esses são relevantes para os estudos morfológicos porque nos mostram a necessidade de se revisar e repensar as propriedades sugeridas como regulares para a morfologia apreciativa na literatura relevante.

E, por último, constatamos que alguns dos dados coletados, nomeadamente aqueles descritos no grupo (ii), contradizem as propriedades de localização dos sufixos apreciativos, conforme descrito em Villalva (2000). Embora bastante incomuns, aqueles dados nos demonstram que é possível termos sufixos apreciativos a esquerda de sufixos derivacionais, quando uma palavra já modificada for tomada como base. Por isso é necessário revisar os critérios canônicos para que se conformem com os dados encontrados neste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, vimos que a criação lexical é um mecanismo bastante importante de renovação e expressividade linguística. Os neologismos são, portanto, itens lexicais gerados a partir das regras de formação de palavras de uma língua que carregam algum tipo de novidade semântica ou formal. Constatamos que os neologismos podem ser formados através de diferentes processos linguísticos – como a derivação, a composição, a formação de *blends*, os empréstimos, a mudança semântica, etc.; no entanto, eles devem sempre estar adequados ao sistema da língua que integram, para serem compreendidos pelos falantes. Discutimos, também, com base em Villalva (2000), as propriedades e características relativas à morfologia apreciativa no português, considerando aspectos semânticos e formais.

Considerando o que foi discutido sobre os neologismos e a morfologia apreciativa de um modo geral, fizemos algumas observações sobre a neologia estilística na obra de GR, partindo de duas classificações dos processos rosianos de criação lexical, propostos por Mendes (1991) e Barros (2011). No entanto, percebemos que nenhuma das classificações já propostas na literatura dá atenção aos dados discutidos nesta pesquisa.

Nossa observação dos dados coletados nos levou a classificar um conjunto de cem dados em sete conjuntos de acordo com as similaridades nos processos de criação lexical. Os processos observados no *corpus* foram: (i) redução fonológica dos sufixos, (ii) utilização de um afixo apreciativo formando uma base para outro processo de derivação, (iii) criação de novo afixo apreciativo, (iv) utilização de sufixos pouco usuais, (v) interação de afixos apreciativos, (vi) mudança semântica de afixos e (vii) nominalização de sufixos. Com isso, pudemos notar que alguns desses processos são exclusivos dos dados de natureza apreciativa, mas outros contêm diversos tipos de afixos e já haviam sido citados anteriormente no trabalho de Mendes (1991).

Os dados encontrados colaboram para a revisão da literatura sobre os neologismos rosianos, uma vez que foram detectados novos processos que não haviam sido descritos anteriormente. Os dados de natureza apreciativa tratados no presente estudo também trazem novas reflexões sobre a criatividade lexical na língua corrente, pois apresentamos alguns processos como a desgramaticalização e a utilização de palavras modificadas por sufixos apreciativos servindo de base para derivação que dão novas pistas sobre as propriedades gramaticais da nossa língua. Além disso, dados como *arredondinhar* e *bonitinhamente* nos levaram a questionar a propriedade de posicionamento dos sufixos apreciativos sugerida na literatura, mostrando que esse critério deve ser revisado porque os dados rosianos provêm um contra-argumento para o posicionamento unicamente à direita.

REFERÊNCIAS

- ARMELIN, Paula R. G. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma Abordagem Sintática da Formação de Palavras*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARROS, Marília. G. P. *Estudo do léxico de João Guimarães Rosa na tradução italiana em Grande Sertão: Veredas*. 2011. 142f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BEARD, Robert. Derivation. In SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (eds.) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 2001, p. 44-65.
- CORREIA, Margarita. ALMEIDA, Gladis Maria de Barcelos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial. 2012.
- GARBO, Francesca Di. Evaluative morphology and noun classification: a cross-linguistic study of Africa. *KASE Journal of Theoretical Linguistics*. v. 10, n. 1. 2013.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. *Understanding Morphology*. Londres: Hodder Education. 2010.

JERONIMO, Gabriela Guimarães. Coraçõmente: pensamento, pensamor: a neologia literária em substância, de Guimarães Rosa". *A MARGem - Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes*. Uberlândia, ano 4, n. 7, p. 22-29, jan./jun. 2011.

LIMA, Alcides Fernandes de. Desgramaticalização de {-inho}. *Signum: Est. Linguísticos*. Londrina, v.12, n.2, p. 205-224. 2009.

MARTINS, Nilce Sant'Ána. *O Léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. A Tradução dos Neologismos de Grande Sertão: veredas. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Românicas). Universidade de São Paulo, São Paulo. 1991.

STUMP, Gregory T. How peculiar is evaluative morphology? *Journal of Linguistics*. 29, 1-36. 1993.

VILLALVA, Alina. *Estruturas Morfológicas – unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.

OBRAS CONSULTADAS

GUIMARÃES ROSA, João. *Tutaméia*. 7. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1990.

GUIMARÃES ROSA, João. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 6. ed. Rio de Janeiro, José Olympio. 1978.